

**O PERFIL DA CIÊNCIA BRASILEIRA**

Leopoldo de Meis e Jacqueline Leta  
Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1996

A publicação do livro de Leopoldo de Meis e Jacqueline Leta merece atenção dos estudiosos da ciência brasileira por sinalizar uma tendência. O fato de ter sido produzido no âmbito do Departamento de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que dedica uma das áreas de concentração de sua pós-graduação ao estudo da educação, difusão e gestão em biociências, parece indicar que os cientistas brasileiros estão cada vez mais premidos a pensar criticamente as bases da institucionalização da ciência brasileira. Diante do virtual esgotamento das políticas de desenvolvimento científico e tecnológico e do desafio da globalização econômica e cultural, a comunidade científica nacional adota uma atitude reflexiva. É o cientista assumindo o papel de sociólogo da ciência.

Em um país periférico onde a atividade científica e tecnológica se concentra, quase que totalmente, em universidades e institutos de pesquisa públicos e, conseqüentemente, a comunidade científica é formada basicamente por funcionários do Estado, o principal desafio da sociologia da ciência é, sem dúvida, pensar a legitimidade social e a autonomia institucional da ciência. No Brasil, a questão institucional da ciência é ainda um problema teórico importante.

A questão da autonomia foi o problema teórico enfrentado pela sociologia da ciência mertoniana, que, a partir da década de 1950, dedicou-se ao estudo de temas como os valores sociais que modelam o 'comportamento do científico', a organização do sistema de recompensas e estratificação, e a formação de consenso na avaliação do trabalho científico. Sem questionar o dogma da objetividade do conhecimento científico, a sociologia mertoniana descreveu minuciosamente a estrutura social e o sistema de valores da comunidade científica.

Foi no campo da sociologia mertoniana que se desenvolveu a 'cientometria', uma metodologia de pesquisa que abrange todos os tipos de análises quantitativas da ciência que se baseiam em dados estatísticos sem a observação direta da atividade de pesquisa e do contexto institucional em que é produzida. *O perfil da ciência brasileira* situa-se na tradição mertoniana, na medida em que é uma análise cientométrica da produção científica nacional dos últimos 15 anos.

Dividido em dez capítulos, o livro apresenta um relato estatístico atualizado do lugar ocupado pela ciência brasileira no sistema científico mundial. Utilizando as informações disponíveis no banco de dados do Institute for Scientific Information (ISI), o mais conceituado indicador bibliométrico da ciência, acrescido de outras fontes nacionais, os autores apresentam um diagnóstico objetivo da ciência brasileira considerando a sua produtividade, a distribuição diferenciada pelas diversas áreas de conhecimento, as estratégias de publicação, o grau de conhecimento pelos pares, o padrão de colaboração internacional e a distribuição geográfica pelo país.

Embora os autores reconheçam que a utilização dos indicadores bibliométricos do ISI exclua a maior parte dos resultados da pesquisa científica nacional publicada em periódicos não indexados, livros ou teses universitárias, suas conclusões são que a produção científica brasileira, que representa atualmente apenas 0,57% da produção mundial, segue a mesma tendência da ciência mundial de predomínio das ciências da vida sobre as demais áreas de conhecimento. A única discrepância encontrada pelos autores está no campo das ciências humanas e artes cuja produção aparece sub-representada, supostamente porque os pesquisadores dessa área preferem publicar sob a forma de teses ou livros escritos em língua portuguesa.

Ainda que se possa explicar o predomínio das ciências da vida no contexto da ciência

brasileira em função da tendência internacional, é preciso observar que foi nessa área de conhecimento, particularmente no campo das ciências biomédicas, que teve início, nos primeiros anos desse século, o processo de organização institucional da pesquisa científica no Brasil. O bom desempenho da pesquisa biomédica brasileira também pode ser explicado por sua trajetória institucional, e para isso não faltam excelentes trabalhos de cunho histórico e sociológico.

A ciência brasileira perfilada no livro de Leopoldo de Meis e Jacqueline Leta é aquela que circula por algum dos 7.421 periódicos científicos indexados pelo ISI. Como é extremamente baixo o número de revistas brasileiras indexadas (apenas 12 no período 1981-93, todas pertencentes às ciências biomédicas), essa ciência brasileira é, de fato, internacionalizada, seus produtos estão dirigidos à comunidade científica internacional. Esse é o dilema das comunidades científicas dos países periféricos, cuja busca da autonomia institucional e legitimidade social em seus respectivos países depende cada vez mais do grau de credibilidade alcançada junto ao mundo científico dos países centrais.

**Luiz Otávio Ferreira**

Pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz

### **QUEBRANDO O SILÊNCIO: MULHERES E AIDS NO BRASIL**

Richard Parker e Jane Galvão (orgs.)  
Rio de Janeiro, Relume-Dumará/Abia/IMS/  
UERJ, 1996

Após mais de uma década da descrição dos primeiros casos de Aids, muito já se disse, escreveu e publicou a seu respeito. Ainda assim, o assunto parece inesgotável. E, se no Brasil (bem como em vários outros países), a Aids tem sido considerada uma doença predominantemente masculina, nem mesmo a sua maior visibilidade entre as mulheres vem mudando esta vinculação. Há, no que diz respeito à Aids entre as mulheres, um silêncio — o mesmo que tradicionalmente cerca questões relacionadas à sexualidade e à saúde femininas.

Assim, este sétimo volume da coleção História Social da Aids, organizado por Richard Parker e Jane Galvão, vem não preencher este vácuo, mas, antes, evidenciá-lo. O pioneirismo da publicação já transparece no título: *Quebrando o silêncio: mulheres e Aids no Brasil*. Na introdução, os organizadores afirmam, logo na primeira frase: “Há mais de uma década, as complexas questões que vinculam a epidemia de HIV/Aids às mulheres vêm sendo envolvidas por um silêncio de proporções verdadeiramente inacreditáveis” (p. 7). Silêncio presente não apenas no discurso popular, mas também nas políticas públicas e nos projetos de ONGs voltados ao enfrentamento da epidemia. Nesse contexto, o discurso de que “a Aids é risco de todos” contrapõe-se à ausência de medidas efetivas no que diz respeito às mulheres.

Os artigos contidos no livro abordam desde um perfil do desenrolar da Aids no Brasil, com ênfase na presença feminina na epidemia, incluindo apresentação de dados epidemiológicos, até discussões sobre sexualidade feminina e uso de drogas entre mulheres.

Na introdução, os organizadores destacam como têm sido limitadas (e até inadequadas) as intervenções ao nível de prevenção direcionadas às mulheres, tanto no que diz respeito a campanhas na mídia quanto a serviços e programas voltados à saúde da mulher. Assim, afirmam os organizadores, “em meados dos anos 90, a Aids entre as mulheres brasileiras apresentase como uma epidemia fora de controle” (p. 11).

A partir daí, o livro é dividido em três blocos. No primeiro, ‘A trajetória feminina da epidemia’, é oferecido ao leitor um panorama do desenvolvimento da epidemia de Aids, com ênfase na presença feminina. No segundo, ‘(Con)vivendo com Aids’, são abordadas questões sobre as mulheres que têm a Aids perto de si, sejam soropositivas ou companheiras de pessoas com HIV/Aids. No terceiro, ‘Políticas de omissão — políticas de prevenção’, são discutidas as possibilidades de prevenção da Aids na população feminina e a atuação de grupos voltados à mulher.

Apesar desta divisão, os temas abordados nos artigos se interpenetram. No primeiro texto, Regina Barbosa e Wilza Villela fazem uma breve descrição da epidemia para, a seguir, discutir o